



N O CORAÇÃO DE "EASTERN CITY" existe uma área pobre e degradada*, conhecida como Cornerville, habitada quase exclusivamente por imigrantes italianos e seus filhos. Para o resto da cidade, esta é uma área misteriosa, arriscada e deprimente. Cornerville está a alguns minutos a pé da High Street, uma rua elegante, mas o morador da High Street que faz esse percurso cruza a fronteira entre o familiar e o desconhecido.

Durante anos Cornerville tem sido vista como uma área problemática, e, enquanto estávamos em guerra com a Itália, passou a ser objeto de preocupação crescente para as pessoas de fora. Temia-se que os moradores da zona italiana pudessem ser mais devotados ao fascismo e à Itália que à democracia e aos Estados Unidos. Há muito sentia-se que Cornerville estava em dissonância com o resto da comunidade. Pensava-se nela como o lugar de gangsters e políticos corruptos, de pobreza e crime, de crenças e atividades subversivas.

As pessoas respeitáveis tinham acesso a uma quantidade limitada de informações sobre Cornerville. Elas poderiam saber que esta é uma das áreas mais populosas dos Estados Unidos e um dos principais pontos de interesse de qualquer excursão organizada para mostrar às pessoas da classe alta as más condições de habitação da classe baixa. Em passeios turísticos ou nas estatísticas podia-se descobrir que os banheiros eram coisas raras aqui, que as ruas estreitas e malcuidadas transbordavam de crianças, que a delinquência juvenil era alta, a criminalidade entre adultos maior ainda, e que uma grande parcela da popula-

* Área pobre e degradada: a expressão original é *slum district*, que o autor define como "uma área urbana onde existia alta concentração de pessoas de baixa renda vivendo em habitações dilapidadas e em péssimas condições sanitárias e de saúde" (p. 347). A expressão "área pobre e degradada" sintetiza a definição de Whyte, descreve bem o mundo de Cornerville e é suficientemente ampla para permitir associá-lo ao mundo de favelas, periferias, alagados e semelhantes que tão bem conhecemos. (N.T.)

ção recebia auxílio-desemprego ou estava na WPA^{*} durante a Depressão^{**}. Vistas dessa perspectiva, as pessoas de Cornerville aparecem como alvos do interesse de assistentes sociais, são identificadas como réus em casos criminais ou integrantes indiferenciados das “massas”.

Há algo de errado nesse quadro: nele não há seres humanos. Por meio de levantamentos gerais, as pessoas preocupadas com Cornerville buscam responder a perguntas cujas respostas exigem o mais íntimo e detalhado conhecimento da vida local. A única maneira de obter esse tipo de conhecimento é viver em Cornerville e participar das atividades de sua gente. Para quem faz isso, a área se revela sob uma luz totalmente diferente. Prédios, ruas e becos que antes representavam destruição e aglomerado físico passam a formar um panorama familiar para os atores da cena cornervilliana.

Pode-se entrar em Cornerville já equipado com informações de jornais sobre alguns de seus gangsteres e políticos, mas o jornal apresenta uma imagem muito especializada. Se um gangster comete um assassinato, isso é notícia. Se segue tranquilo as rotinas diárias de seu negócio, não é. Se o político é indiciado por aceitar propina, isso é notícia. Se apenas presta os usuais favores pessoais para sua clientela de eleitores, não. O jornal concentra-se na crise — no evento espetacular. Numa crise, o “peixe graúdo” torna-se propriedade pública. É destacado da sociedade na qual atua e julgado segundo padrões diferentes daqueles de seu próprio grupo. Esta pode ser a maneira mais eficaz de processar o criminoso, porém não é um modo de entendê-lo. Para isso, o indivíduo deve ser devolvido a seu contexto social e observado em suas atividades rotineiras. Para compreender o evento espetacular, é necessário vê-lo em sua relação com o padrão da vida cotidiana — pois existe um padrão na vida de Cornerville. As pessoas da classe média enxergam a área como uma formidável massa de confusão, um caos social. Os de dentro vêem em Cornerville um sistema social altamente organizado e integrado.

Decorre daí, portanto, que não se possa dar qualquer solução imediata e direta aos problemas representados por Cornerville. Só será possível responder a questões particulares quando a estrutura da sociedade e seus padrões de ação tiverem sido estudados. Isso requer uma exploração do novo território. Para saber

* WPA, Works Progress Administration: programa federal de assistência social que, durante a Crise de 1929 nos EUA criou empregos em massa. Em 1936, havia mais de 3,5 milhões de pessoas empregadas nos vários programas da WPA. (N.T.)

** Depressão: referência à crise de 1929, nos Estados Unidos, quando houve a queda da bolsa de valores e a súbita falência de centenas de investidores. (N.T.)

como se desenvolveu a forma de organização atual, pode-se rever a história da colônia italiana local. Feito isso, será hora de ir em frente e conhecer as pessoas para descobrir, a partir delas mesmas, a natureza da sociedade em que vivem.

Para a Cornerville de hoje, a história começou na década de 1860, quando um pequeno grupo de genoveses estabeleceu-se num beco de um canto do que era então uma área irlandesa. O fluxo de imigrantes italianos expandiu-se lentamente nas décadas de 1870 e 1880, e cresceu até virar uma grande inundação nos anos 1890 e primeiras décadas do século XX. Os italianos do Norte foram os primeiros a chegar, mas a grande onda de imigração veio do Sul, particularmente das vizinhanças de Nápoles e da Sicília. Na época em que a imigração dos sulistas estava no ponto mais alto, a maior parte dos primeiros ocupantes genoveses havia-se mudado para outros setores de Eastern City ou vivia na periferia, em cidades pequenas de classe média.

Em 1915, a composição racial de Cornerville já era praticamente a mesma de hoje. Com raras exceções, todas as famílias irlandesas tinham se mudado da área. Os judeus, que viveram ali na mesma época que os italianos, também haviam sido superados em número, embora muitos mantivessem interesses comerciais em Cornerville, especialmente como varejistas de tecidos e confecções.

Os imigrantes italianos trouxeram consigo não apenas sua língua e seus costumes, mas também uma grande parcela de seus conterrâneos. Os imigrantes atraíram parentes e amigos. Pessoas da mesma cidade, *paesani*, estabeleceram-se juntas, formaram sociedades de ajuda mútua e todo ano celebravam a festa de seu santo padroeiro, como antes faziam na Itália. Os *paesani* constituíam pequenas comunidades dentro da comunidade maior, e ainda hoje é possível demarcar áreas de Cornerville de acordo com a cidade de origem dos imigrantes — embora, com o crescimento da geração mais jovem, essas fronteiras estejam cada vez menos evidentes.

A sociedade dos imigrantes de primeira geração foi organizada basicamente em torno da família e, secundariamente, ao longo das linhas de *paesani*. Os vínculos entre famílias eram cimentados por relações padrinho-afilhado. Os parentes de sangue e por laços cerimoniais, bem como os amigos da família, ligavam-se uns aos outros numa rede intrincada de obrigações recíprocas. O indivíduo que sofresse um infortúnio era ajudado por seus parentes e amigos, e, quando estivesse restabelecido, partilharia sua boa sorte com aqueles que o tinham ajudado.

A macrorregião de origem dos imigrantes também era um dado importante na organização da vida em Cornerville. Os italianos do Norte, que haviam tido melhores oportunidades econômicas e educacionais, sempre olhavam com des-

dém os do Sul, e os sicilianos ocupavam a posição mais baixa de todas. Uma vez que muitos daqueles vindos das regiões Norte e Central da Itália tinham conseguido se estabelecer antes de os sulistas chegarem, essas distinções se acentuaram nos períodos de instalação dos novos imigrantes — e ainda não desapareceram de todo.

Como a geração nascida na América já havia alcançado a maturidade, o padrão da vida de Cornerville passou por mudanças de grande porte. Já não se encontram na geração dos filhos os laços de lealdade aos *paesani* que ligavam seus pais. Até mesmo a família italiana foi dividida em duas gerações separadas. Os nascidos na Itália são conhecidos pela nova geração como “*greasers*”. Os filhos, com frequência, têm forte ligação com os pais, mas ainda assim olham-nos com desdém. Umhas poucas pessoas mais idosas detêm posições de respeito, porém, em geral, não possuem a autoridade que caracteriza a geração mais velha na maior parte das outras sociedades.

A geração mais jovem construiu sua própria sociedade com relativa independência dos mais velhos. Há duas alas principais dentro das fileiras dos homens mais jovens: rapazes da esquina e rapazes formados. Os rapazes da esquina são grupos de homens cujas atividades sociais giram em torno de algumas esquinas em particular e as adjacências, com suas barbearias, lanchonetes, bilhares ou clubes. Constituem o nível mais baixo da sociedade dentro de sua faixa etária e, ao mesmo tempo, compõem a maioria dos jovens de sexo masculino de Cornerville. Durante a Depressão, a maior parte estava desempregada ou tinha apenas emprego irregular. Poucos haviam completado o segundo grau, e muitos deixaram a escola antes de terminar a oitava série. Os rapazes formados são um pequeno grupo de jovens que superaram o nível de rapaz da esquina por meio de uma educação universitária. Como tentam abrir espaços para si mesmos como profissionais, continuam subindo socialmente.

Numa sociedade como a nossa, na qual é possível para os homens começar a vida de baixo e ascender, é importante descobrir quem são as pessoas que estão avançando, e como o fazem. Isso nos dá uma perspectiva da sociedade cornervilliana e, ao mesmo tempo, mostra o que o mundo fora de Cornerville tem a oferecer às pessoas locais. As histórias de Doc — e sua gangue de rapazes da esquina — e a de Chick — e seu clube de rapazes formados — apresentam o contraste entre os dois grupos e explicam as diferentes carreiras individuais de seus integrantes.

* *Greasers*: literalmente, aqueles que trabalham com máquinas e motores e vivem sujos de graxa; por extensão, os que falam um inglês arrevesado. (N.T.)

Embora Doc e seus rapazes e Chick e os membros de seu clube sejam representativos de uma grande parte da sociedade local, todos eles são “peixes miúdos” em Cornerville. A fim de entendê-los, é necessário descobrir os “peixes graúdos” e ver como operam. Em Cornerville, os graúdos são gângsteres e políticos.

Junto com a Zona Sul e Welport, Cornerville forma o Quarto Distrito de Eastern City. Até recentemente, a área era dominada pelo Clube Cleveland, uma organização política irlandesa ligada ao Partido Democrata, localizada na Zona Sul. Quando os primeiros italianos se estabeleceram em Cornerville e começaram a desalojar a população irlandesa, houve ferrenhos confrontos de raças. À medida que os irlandeses se mudaram, as hostilidades foram transferidas para a arena política. Os políticos italianos organizaram Cornerville para derrubar a dominação irlandesa na região.

As atividades ilegais durante a Lei Seca giravam em torno do contrabando de bebidas. Com o fim da proibição, o gângster construiu sua carreira a partir do controle das atividades ligadas ao jogo. Os homens de Cornerville desempenharam funções proeminentes nesse campo, embora seus colegas irlandeses e judeus compartilhem com eles a direção dos negócios mafiosos^{***} de Eastern City.

As organizações mafiosas e políticas entremeiam-se e estendem-se da base ao topo da sociedade de Cornerville, integrando grande parte da vida local. Elas fornecem um marco geral para a compreensão das ações tanto de “peixes miúdos” quanto de “peixes graúdos”.

Nesta pesquisa sobre Cornerville, pouco iremos nos preocupar com as pessoas em geral. Encontraremos pessoas particulares e observaremos as coisas particulares que fazem. O padrão geral de vida é importante, mas só pode ser construído por meio da observação dos indivíduos cujas ações configuram esse padrão.

Os “peixes miúdos” serão os primeiros a entrar em cena (parte I). Veremos como organizam as atividades de seus próprios grupos e, então — para situar esses grupos na estrutura social —, passaremos ao nível superior, observando os “peixes graúdos.” A descrição das organizações mafiosas e políticas (na parte II)

* Distrito: daqui em diante, as referências a *ward*, no sentido de um distrito eleitoral específico, serão feitas com inicial maiúscula. Quando se tratar de *district*, distrito administrativo, a palavra será grafada com minúscula. (N.T.)

** Negócios mafiosos: as palavras *racket*, *racketeer* e *racketeering* não têm tradução exata para o português, mas, na história de Cornerville, na época em que foi escrito o livro, referem-se sempre a organizações, personagens e atividades de origem mafiosa. A tradução optou por seguir a mesma linha. (N.T.)

irá fornecer um quadro geral, mas ainda estaremos voltados para pessoas específicas. A pergunta é: o que faz de um homem um “peixe graúdo” e como ele se torna capaz de dominar os “peixes miúdos”? Para responder a essa questão, vamos observar Tony Cataldo. Ele é um gângster proeminente e cuida, entre outras coisas, de controlar os rapazes da esquina. Como faz isso? E vamos observar George Ravello, o senador de Cornerville, para ver como organiza sua campanha política. Ele necessita do apoio dos rapazes da esquina. Como consegue isso? Sabemos que, em geral, os chefes de organizações políticas e mafiosas em Cornerville cooperam uns com os outros. Mas qual a natureza dessa cooperação, sobre o que se baseia e como é criada? A fim de responder a essas questões, vamos novamente observar pessoas específicas e ver como se relacionam umas com as outras em diversas situações com as quais se defrontam em suas carreiras.

Se conseguirmos conhecer essas pessoas intimamente e entender as relações entre peixe miúdo e peixe miúdo, peixe graúdo e peixe miúdo, e peixe graúdo e peixe graúdo, então saberemos como a sociedade de Cornerville é organizada. Com base nesse conhecimento, torna-se possível explicar as lealdades pessoais e o significado das atividades políticas e mafiosas.

RAPAZES DA ESQUINA E RAPAZES FORMADOS



PARTE I

Doc e seus rapazes

1. OS RAPAZES DA GANGUE

OS NORTON ERAM a gangue de Doc. O grupo foi formado principalmente por ele e construído a seu redor. Quando Doc ainda era criança, havia uma gangue de garotos na Norton Street para cada faixa significativa de idade. Uma delas era, em média, três anos mais velha que Doc; havia a gangue de Doc, que incluía Nutsy, Danny e vários outros; havia um grupo cerca de três anos mais novo, que incluía Joe Dodge e Frank Bonelli; e um outro ainda mais jovem, ao qual pertenciam Carl e Tommy.

Visto que os Norton, tal como eu os conheci, cresceram a partir desses primeiros agrupamentos, é necessário traçar alguns antecedentes. A história da evolução dos Norton pode ser mais bem contada como a história de Doc.

Ele nasceu na Norton Street em 1908. Seu pai e sua mãe, vindos da província de Abruzzi, foram os primeiros italianos não-geoveses a se estabelecer na rua. Doc era o caçula de uma grande família e filho predileto de sua mãe. O pai morreu quando ele era apenas uma criança. Aos três anos, a paralisia infantil atrofou seu braço esquerdo e deixou seqüelas permanentes; mas com exercícios constantes ele conseguiu desenvolver o braço a ponto de ser capaz de usá-lo para tudo, exceto em trabalho braçal pesado.

Doc descrevia sua infância desta maneira:

Quando era pequeno, eu costumava andar muito bem-vestido. Estava sempre com um terno limpo e, quando me sentava no degrau da porta, sempre colocava um jornal embaixo, como minha mãe havia ensinado. ... As outras mães diziam a seus filhos: "Vejam como Dicky se veste. Por que você não pode ser como ele?" Era apenas natural que eles não gostassem de mim — até que lhes mostrei que teriam que me respeitar...

Tinha por volta de 12 anos quando me envolvi em minha primeira briga. Meu irmão, dois anos mais velho, entrou numa discussão com um garoto do meu tamanho. Então me disse: "Ele é pequeno demais pra mim, lute você com ele." A princípio, eu não queria, mas finalmente briguei com o garoto e dei uma surra nele. ... Depois, comecei a pensar que talvez até fosse bastante bom nisso.

Uma vez, Nutsy era o chefe de nossa gangue. Eu era o segundo em comando. Ele era maior que eu e tinha me surrado diversas vezes antes que eu finalmente o surtasse. Quando bateu em mim, não havia muita gente por perto, então não me importei; mas na vez em que quebrou sua promessa de que não bateria em mim, havia uma turma grande em volta. Eu era um garoto orgulhoso. Não podia deixar que ele se safasse dessa. ... Vêja bem, eu estava imobilizando ele, e ele por baixo. Eu disse: "Se deixar você se levantar, prometo que não vai me bater?" Ele prometeu, mas quando o soltei e me virei, ele acertou meu nariz, que começou a sangrar. Fui atrás e estava batendo nele quando os caras maiores nos apartaram. ... No dia seguinte, eu o vi encostado na parede. Fui até ele e disse: "Você matar", e dei um soco nele. Não revideou, sabia que eu era seu líder. É a notícia se espalhou. Então, depois disso, eu era o líder, e ele era o meu segundo. ... Isso foi quando eu tinha 13 ou 14 anos. ... Antes que eu surtasse ele, Nutsy era um garoto arrogante. ... Depois disso, parecia ter perdido seu orgulho. Eu conversava com ele e tentava levantar seu moral.

Depois que surtei Nutsy, era eu quem dizia aos garotos o que tinha que ser feito. Eles me ouviam. Se não ouvissem, eu surtava eles. Surtei todos os garotos da minha gangue em algum momento. Tíhamos um garoto siciliano na minha rua. Quando bati nele, ele contou a seu pai, que veio me procurar. Escondi-me num telhado, e Nutsy me disse quando o cara já tinha ido embora. Da próxima vez que vi o garoto, eu o surtei de novo — por ter-me denunciado ao pai. ... Mas eu não era um garoto durão assim, Bill. Sempre lamentava depois que batia neles.

Eles tinham fé em mim, Bill. É por isso que tinha que fazer algumas dessas coisas. Se um dos nossos garotos tivesse apanhado em qualquer outra rua, eu ia lá com ele. Dois ou três de nossos rapazes nos seguiriam, não para ajudar a brigar — só para olhar. Eu perguntava ao garoto: "Qual deles bateu em você?" Ele apontava o cara, eu ia lá e batia nele, e depois dizia: "Você não bate nesse garoto de novo não, ouviu?"

Eu era uma fera quando garoto. Não tinha medo de ninguém. Numa briga, a maior parte dos garotos fica só empurrando o outro pra lá e pra cá, mas eu tinha uma direita devastadora. Eu era forte. Só podia usar aquele braço, exceto para me defender, mas isso me dava mais respeito ainda. Eles diziam "E o que ele não faria se tivesse dois braços bons?" ... Não era só o muro. Eu era a pessoa que sempre pensava as coisas que tinham de ser feitas. Era o cérebro do grupo.

Doc se tornava sempre muito suscetível quando se tratava de seu braço, e não permitia que ninguém fizesse concessões por causa de sua limitação. Passava

muitas horas em casa treinando boxe sozinho, lutando com a própria sombra para desenvolver a velocidade e a coordenação.

O mais sério desafio feito a Doc veio de Tony Fontana, como ele me contou:

Tony era da minha gangue no tempo em que ambos éramos crianças. Ele era um bom lutador. Quando entrou no ringue como amador, de saída já ganhou três lutas por nocautê. Na época em que se tornou profissional, ainda estava nocautendo todo mundo. ... Naquele tempo, ele era o líder da gangue, era o cara durão. Mas começou a se meter a engracadinho comigo. Uma noite, começou a me empurrar e a falar grosso. Fiquei só ouvindo. Pensei: "Ele deve ser durão. Todos esses nocautes têm que significar alguma coisa." Então, depois de um tempo, eu disse: "Você pra cama." Tirei a roupa e me dei, mas não conseguia dormir. Vesti a roupa e desci de novo. E falei pra ele: "Me diz aquilo outra vez!" Ele disse, então eu mostrei pra ele — puni! ... Mas não luto comigo. Por quê? Prestígio, supponho. Mais tarde lutamos com luvas no playground. Ele era bom demais pra mim, Bill. Fiquei firme, mas ele era muito forte. ... Como batia!

Doc só me contou tudo isso porque eu perguntei, e quando acabava de narrar um incidente no qual havia demolido algum rival, sempre pedia meias desculpas e dizia que, na verdade, não era tão bom, que mal conseguia entender como aquelas coisas podiam ter acontecido.

De tempos em tempos, havia uma rixa com alguma outra gangue, e o resultado era uma briga:

Uma vez, uns caras da nossa gangue tentaram assediar umas garotas da Main Street. Os namorados das garotas perseguiram nossos amigos até a Norton Street. Então nós nos juntamos e perseguimos os namorados de volta para o lugar de onde tinham vindo. Eles se juntaram com toda a Garden Street, Swift Street e Main Street para ir atrás da gente. ... Em geral começava assim, algum garoto apanhava de um dos nossos. Então ele voltava para sua rua e juntava sua gangue. Vinham pra nossa rua e nós os enfrentávamos.

Daquela vez, vinham com talos de cachos de bananeira e garrafas de leite. Nós estávamos armados. Costumávamos esconder nossas armas nos porões para poder tê-las à mão no caso de uma emergência. Mas havia 50 daqueles caras, e só 16 dos nossos, então nos retiramos para as portarias e os porões e esperamos que eles se acalmassem. ... Ficaram por ali um tempo, sem fazer nada, até que dei o sinal para sairmos. Então nós atacamos. Eu girava um talo de bananeira à minha volta. Fui girando pela Main Street toda, mas acabei ficando por trás das linhas inimigas e tive que voltar fazendo a mesma coisa, girando. ... Existiam uns vasos de cimento em volta do playground, altos. Nós os derribamos. Teriam matado qualquer um que fosse atingido, mas não queríamos atingir ninguém. Queríamos assustá-los. ... Depois de algum tempo as coisas se acalmaram e eles foram embora.

Não me lembro de jamais termos realmente perdido uma briga. Não pense que nunca fugimos. Algumas vezes, sim. A gente corria feito condenado. Eles chegavam na nossa rua e nos atacavam. Nós nos espalhávamos pelos telhados, porões, qualquer lugar. Lá pegávamos nossa munição. Então eles voltavam para a outra ponta da rua e nos davam uma chance de nos juntarmos de novo. Saíamos um depois do outro — nunca nos atacavam até que estivéssemos todos lá, e preparados. Aí nós os atacávamos — tínhamos um bom ataque. Às vezes eles se separavam, e nós voltávamos para a nossa ponta da rua e esperávamos que se juntassem de novo. ... Sempre terminava com nossa turma atrás deles e os expulsando de volta para sua rua. Nós não os provocávamos lá. Nunca íamos procurar encerrá-la. A gente só brigava em nossa própria rua, mas sempre vencemos ali.

Sabe, os Norton eram gente fina. Nós éramos a melhor rua de Cornerville. Não roubávamos de bêbados e nem nos metíamos em jogos de dados. Às vezes a gente entrava como penetra em algum show, mas o que você quer? ... Os Tyler eram um grupo da pesada. Eles roubavam e também organizavam jogos de dados. Nós costumávamos nos bater com eles. Depois de um tempo, as coisas sossegaram, e mais tarde os Tyler e os Norton se uniram. O lutador campeão deles era Jonny DiCausa, e o corredor campeão era Mike Torre. Eu era campeão em tudo na nossa gangue. Quando nos juntamos, tive que competir com o Mike numa corrida em volta do quarteirão. Eles contaram o tempo. Ele fez em 26 segundos. Então eu corri. Vinha descendo a rua e podia ouvi-los gritando: “Vámos lá, Doc, vamos lá!” Também fiz em 26 segundos. Nada ficou resolvido. Eles costumavam discutir: “Jonny pode derrotá-lo”. “Não. Doc é que pode derrotá-lo.” E a gente se mediu um com o outro, mas não lutamos. Acho que a gente se respeitava mutuamente. ... Jonny foi para o ringue mais tarde e se saiu bastante bem. Mike foi corredor campeão do time de atletismo da Faculdade St. Patrick.

A gente não teve muitas rixas entre gangues. Havia um bocado de respeito mútuo. ...

Nós não saíamos para matar ninguém. Não queríamos machucar ninguém. Era só brincadeira. ... Não me lembro nunca de alguém ter sido ferido na cabeça com uma garrafa. Talvez na perna ou nas costas, mas não na cabeça. A única vez em que alguém saiu ferido foi quando Charlie levou aquela lata no olho. Nós estávamos provocando os King Street no playground. Atacamos, e Charlie saiu na frente de todos. Quando chegou a King Street, alguém jogou aquela lata, e a parte cortada da tampa pegou direto no olho dele. O tumulto parou. Eles ficaram assustados com o sangue saindo do olho de Charlie. ... Nós o levamos para casa. Lembro-me de seus gritos enquanto o médico cuidava do olho. Aquilo nos impressionou. Nunca nos havia ocorrido que alguém pudesse ser seriamente ferido, tivesse sequelas graves, num confronto. ... Depois daquilo não houve mais tumultos. Não me lembro de jamais ter visto um depois daquilo. ... E então estávamos ficando mais velhos, por volta de 17 e 18 anos. Fui adiante com meus camaradas mais velhos e já não via meus garotos com tanta frequência. Eles me aceitavam como um deles. Aquilo foi uma grande honra. Mas quando já não via mais meus garotos com frequência nossa gangue se desfez.

Doc participou das atividades do Centro Comunitário da Norton Street em dois estágios de sua carreira. A história era essa:

Eu costumava ir ao Centro quando era garoto pequeno, mas depois me afastei. Voltei por causa do Clube Dramático Sunset (Sunset Dramatic Club). Ele era o clube predileto de lá. Fazia muito tempo que vinha apresentando suas peças e tinha um bocado de prestígio. Lou Danaro costumava me contar como era duro atuar e quanto treino você tinha que ter. Danny tentava me instigar para ir lá e mostrar a eles do que eu era capaz. Ele tinha um bocado de fé em mim, me apoiava em qualquer coisa que exigisse miolos. Danny e eu nos juntamos e descobrimos como eu poderia entrar naquele clube. Você tinha que receber uma votação unânime. Alguns dos integrantes me conheciam, outros não, mas dei um jeito e fui aceito. Depois de algum tempo, consegui o papel principal em algumas das grandes apresentações, e todos os garotos da esquina viam assistir.

Naquela época, havia dois integrantes de cada clube no conselho do Centro. Eu representava os Sunset, e fui presidente do conselho durante um ano. Era muito ativo, e levantamos dinheiro para um novo amplificador para o Centro.

Por volta daquele tempo, a turma do Tom Marino chegou. Eles se chamavam de “Vagabundos da Esquina”. Havia uns cem deles, e acho que vieram porque não tinham onde se reunir naquela época. Os Sunset tinham conseguido o lugar porque eram os favoritos dos assistentes sociais. Nós podíamos fazer qualquer coisa que quiséssemos ali. ... Uma vez, Joe Cardió foi à loja de Tom Marino comprar creme chantili para o café do clube. Quando responderam que não tinha creme, ele estalou os dedos, bateu o pé no chão e disse: “Ah, droga!” Todos os garotos estavam em volta e, ao ouvirem aquilo, não perderam. Desde então passaram a chamar os Sunset de “Bolinhos de Chantili”. Costumava discutir com eles por causa disso. Naquela época eu ficava naquela esquina, mas também andava em outros lugares, e me acertei com os Vagabundos; eles nos chamariam “os Bolinhos de Chantili” — com uma exceção”. Disse a eles que havia um monte de exceções, mas não consegui convencê-los a mudar ...

Quando os Vagabundos entraram, queriam dirigir o lugar. Começaram comprando votos para poder eleger o presidente do conselho do Centro. Saíram com as garotas e compravam refrigerantes para elas. Eles realmente fizeram uma grande campanha. A senhora Baldwin queria que eu concorresse à presidência de novo porque achava que eu havia feito um bom trabalho, mas me recusei. Os Sunset apoiaram Ted Riccio, e os Vagabundos apoiaram Fred Mantita. Ted foi derrotado por uma ampla margem, mas depois da eleição eles me disseram que se eu tivesse concorrido não teriam apoiado ninguém para disputar comigo. ...

Os Vagabundos realmente estavam lá pra bagunçar o coreto. Não tinham nenhum respeito pelos assistentes sociais. Um dia, ouvi Guy Pollett falando com o senhor Ramsay no saguão. Ele foi obsceno mesmo. Ramsay teve que engolir aquilo. O que mais poderia fazer? ... E sempre ligavam para a delegacia e diziam: “Está havendo uma confusão no Centro Comunitário da Norton Street. Mandem o esquadrão especial imediatamente.”

Alguns policiais vinham e brincavam com os garotos, porque eram bons amigos, mas isso pegava mal para o Centro. ... Uma noite, os Vagabundos fizeram uma festa do tipo cabaré e “aditivaram” o ponche. Prepararam duas vasilhas, uma para os assistentes sociais e outra para a festa. Mas umas meninas ficaram bêbadas, e a senhoria Baldwin descobriu a outra versão do ponche. Aí começou uma discussão, e Guy Polletti mandou que ela saísse. Ele a chamou de uma ... Vi quando ela desceu as escadas, chorando. ...

Isso foi péssimo. Naquela época, eu era “o Pequeno Galahad”, e atribuí a mim a missão de defender o Centro. Uma noite, estavam todos na loja do Marinho e fui discutir com eles. Havia Guy Polletti — ele era um lutador peso-pesado. Estava também Fred Mantia — um peso-pesado leve que havia se saído muito bem no ringue. Estavam todos conversando, mas eu os interrompi e disse: “Esperem um minuto, ouçam!” E então fui curto e grosso. Eles contra-argumentaram, e tinham um bom motivo. Tinha muito a dizer sobre os assistentes sociais. “São um bando de esnobes.” “São pretensiosos.” “Quem pensa que são, que são melhores que nós?” Esse era um bom argumento, e não pude responder. Mas eu disse: “Afinal, o lugar tem algumas coisas boas. Numa área superpovoadas como esta, precisamos de espaços para nos encontrar.” ... E, com suas atitudes duronas, eles tinham feito com que muitas pessoas se afastassem do Centro. Disse a eles que as mães tinham fé no lugar, pensavam que era seguro para suas filhas, e agora os Vagabundos estavam arruinando essa reputação. Eu disse a Fred: “Você só é durão porque mais ninguém lá é durão.”

“Nada disso”, respondeu, “sou durão em qualquer lugar.”

Eu falei: “Se Terry Giovanni estivesse lá, você não seria tão durão.” Ele não gostou daquilo, porque Terry o havia nocauteado muitas vezes. Bom, o resultado final foi que ele concordou em pedir desculpas à senhoria Baldwin. ...

Por volta da mesma época começaram outra discussão. Naquele tempo havia um fim de semana misto no acampamento do Centro, no começo e no fim de cada temporada de férias de verão. Era o maior evento social da estação, e os caras e as garotas passavam um ano inteiro esperando por aqueles fins de semana. Os acampamentos eram muito bem vigiados. Se alguma vez houve sexo lá, nunca ouvi falar. Era apenas uma diversão boa e limpa. Mas, daquela vez, alguns dos Vagabundos já tinham tomado todas. Jesse Alluni era um cara muito legal e nada durão, mas era fraco para bebida. Uma noite, foi à cozinha quando Baldwin estava lá e pediu uma xícara de café. Baldwin disse que ele estava bêbado e o mandou para a cama. ... Depois daquele incidente, o acampamento foi fechado para homens. Desde então, tem sido só para garotas e meninos pequenos. Os camaradas ficaram injuriados por perderem o acampamento e protestaram com o senhor Bacon, o coordenador. Eles circularam uma petição e quiseram apelar para a junta diretora, mas o senhor Bacon não permitiu. Depois de algum tempo, a excitação baixou, e nada foi feito. ...

Naquela mesma época, os Sunset se separaram. Haviam estado no Centro durante dez ou doze anos, e alguns dos tipos estavam se casando, então tinha algo a ver com isso,

mas tenho certeza de que foi, em parte, a pressão dos Vagabundos que os levou a sair do Centro. Quando os Vagabundos foram atrás deles, esmoreceram. Eu os chamei de frouxos e tentei fazer com que continuassem a tocar o clube, mas acabou mesmo.

Com a saída dos Sunset, os Vagabundos conseguiram um salão num clube fora dali e nunca mais voltaram ao Centro. Não acho que tenham sido oficialmente expulsos. Saíram antes que se chegasse a tanto. Quando Tom Marinho entrou na política, o nome do clube não soava assim tão bem, e então o mudaram para Clube Atlético Taylor, em homenagem a Ellen Taylor. Ela era uma assistente social amada e venerada por todos os outros assistentes. Aquele nome soa engraçado quando você pensa no tipo de coisas que os Vagabundos haviam aprontado no Centro.

Desde que os Vagabundos da Esquina foram embora, nunca mais houve uma turma como eles no Centro. E o ano em que um de seus homens foi presidente do conselho foi também o último em que houve um conselho. ...

Quando os Sunset e os Vagabundos se mudaram, eu também já não estava mais no Centro.

Doc achava fácil o trabalho escolar. Ele lia de tudo, tanto na escola quanto na biblioteca pública. Depois de terminar o segundo grau, parou os estudos para trabalhar numa firma de vitrais. O trabalho artístico sempre tinha sido um de seus maiores interesses, e ele se saiu tão bem na empresa que lhe prometeram um progresso rápido. Mas então veio a Depressão, o negócio falhou, e Doc ficou desempregado. No início se empenhou agressivamente na busca de emprego e continuou seu trabalho artístico em casa. Mas, ao ver que todos os seus esforços resultaram em nada, parou de procurar e até perdeu o interesse pela arte.

Doc vivia com sua irmã e o cunhado, de modo que tinha casa e comida, mas odiava ser um peso para eles. Quando começou o programa federal de assistência social, conseguiu trabalho na WPA. Porém, como era solteiro e não tinha dependentes, não podia contar com um emprego estável. Entre os dias de trabalho e os longos períodos de inatividade, passava quase todo o tempo na esquina.

Danny era seu amigo mais chegado. Como me disse Doc:

Danny vivia na Stone Street, perto da Norton. Lembro-me agora do dia em que chegou à nossa rua, ainda era um garotinho. Era um *greaser*, com aquele inglês arrevesado. Os amigos debochavam dele, mas gostei do garoto desde o começo. Disse para se juntar à nossa gangue e fazer o que fazíamos. Ele topou.

Quando a gangue dos garotos se desfez, Doc e Danny continuaram juntos, embora não fossem vistos com frequência na Norton Street.